

FABIANNA SIMÃO BELLIZZI CARNEIRO
OZÍRIS BORGES FILHO
(ORGANIZADORES)

**ESPAÇOS
FICCIONAIS
DA OPRESSÃO**

MERCADO[®]
LETRAS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, Ozíris Borges Filho</i>	
MÁGOAS SILENCIADAS E AMARRAS INVISÍVEIS DA OPRESSÃO EM <i>RESSURGIR [SURFACING]</i> , DE MARGARET ATWOOD, E A <i>COSTA DOS MURMÚRIOS</i> , DE LÍDIA JORGE	11
<i>Ana Costa Lopes, Susana Amante</i>	
OPRESSÃO, RESGATE E IDENTIDADE EM “TEMPO DE SER OVO, OVO DE SER TEMPO” DE CORSINO FORTES	39
<i>Anabela Sardo, Susana Rocha Relvas</i>	
TOPOFOBIA E APINHAMENTO EM <i>ANOS DE CHUMBO</i> , DE CHICO BUARQUE	61
<i>André Pinheiro</i>	
PRESSUPOSTOS ÉTICOS E ESTÉTICOS VINCULADOS AOS ESPAÇOS INTELECTUAIS E URBANOS: TENSÕES ENTRE O RIO DE JANEIRO “CONSERVADOR” DE LIMA BARRETO E A SÃO PAULO “FUTURISTA” DO MODERNISMO DE 22	85
<i>Dirlenvalder do Nascimento Loyolla</i>	

“NAS ABREVIATURAS DO IMENSO:” ESPAÇOS FICCIONAIS DA OPRESSÃO EM <i>UMA LONGA VIAGEM DE DANIEL CHAMBERS</i>	107
<i>Dulce Melão</i>	
A CASA, O QUARTO, AS PAREDES: SILENCIAMENTO E OPRESSÃO EM CONTOS DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN E AUGUSTA FARO	125
<i>Fabianna Simão Bellizzi Carneiro</i>	
“O VENTO E OS CAMINHOS”, DE DOMINGOS MONTEIRO: UMA CONSTRUÇÃO DIEGÉTICA COM O ESPAÇO DE CLAUSURA PLASMADO	149
<i>Fernando Alexandre de Matos Pereira Lopes</i>	
FICÇÃO E OPRESSÃO NA LITERATURA LATINO-AMERICANA	175
<i>João Batista Cardoso</i>	
FIGURAS ESPACIAIS E OPRESSÃO EM <i>NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO</i> DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO	197
<i>Maria João Simões</i>	
APREENSÃO E OPRESSÃO: A VIOLÊNCIA REFLETIDA NO AMBIENTE EM A MENINA MORTA, DE CORNÉLIO PENNA	225
<i>Maurício Cesar Menon</i>	
MÃE GUERRILHEIRA	247
<i>Oziris Borges Filho</i>	
O CORPO NEGRO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: ESPAÇO, MEMÓRIA E CULTURA EM PAULO LINS E NEI LOPES	267
<i>Paulo Cesar S. de Oliveira</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES E AUTORES	289

O OPRESSÃO, RESGATE E IDENTIDADE EM “TEMPO DE SER OVO, OVO DE SER TEMPO” DE CORSINO FORTES

*Anabela Sardo
Susana Rocha Relvas*

Introdução

Referência incontornável dos Estudos Culturais [*Cultural Studies*]¹ Stuart Hall (1990, p. 222) afirma que “as práticas culturais de representação implicam sempre uma posição de onde se fala ou escreve”,² a que o autor jamaicano designa por “positions of enunciation”. O problema identitário a partir do qual se posiciona o sujeito de enunciação, vítima da colonização, encontra-se coartado pela “experiência colonial” (1990, p. 224). Mais do que recuperar o tempo perdido, a questão da identidade está relacionada com a forma como nos posicionamos perante

1. Área académica interdisciplinar, que emerge no mundo anglo-saxónico no dealbar dos movimentos pós-coloniais, procurando perceber as práticas de domínio e resistência que moldam as sociedades contemporâneas (Busby, M. e Cohen, R., citados por J. C. Hawley 2001, pp. 144-150).
2. Tradução realizada pelas autoras.

as narrativas do passado (1990, p. 223). Só deste modo, como diz Hall, podemos compreender o carácter traumático dessa experiência (1990, p. 225). A presença europeia em África, com o seu poder e domínio, “expropriou” culturalmente o “outro”, convertendo-o em marginal e periférico, impondo-lhe a sua cultura que passa a integrar-se como elemento constitutivo da sua identidade (1990, p. 233). Aqui reside a ambivalência da “expropriação colonial”, resultando numa dialética de poder e resistência, de recusa e de reconhecimento. A criouliização ou miscigenação cultural é disso exemplo, manifestando-se na linguagem e nas representações culturais. O continente africano é, neste sentido, a grande aporia da identidade cultural (1990, p.234). O tema do homem transplantado, desenraizado da sua cultura ancestral, que experiencia uma profunda descontinuidade, dispersão e fragmentação, constitui a narrativa da deslocação, [narratives of displacement] (1990, p. 223) e situa-se na denominada estética da diáspora e da experiência pós-colonial (1990, p. 236). Os conceitos exílio, expatriação e migração económica, que caracterizam o termo diáspora, debatidos pelos teóricos, têm evoluído desde o período da Guerra Fria até à era atual da globalização e pós-modernidade, passando do termo “emigrante, vítima de exílio”, à expressão “comunidades ou identidades migrantes ou migratórias” (Busby e Cohen, citado por Hawley, 2001, p. 146).

Nas sociedades pós-coloniais, o retorno a África representa para muitas vozes da emancipação africana, do pensador político Frantz Fanon aos poetas da “Negritude” como Aimée Cesaire e Leopold Senghor, entre muitas outras, uma viagem circular à redescoberta da identidade cultural. Tal como no Caribe de Stuart Hall, no arquipélago cabo-verdiano de Corsino Fortes (1933-2015) o povo está destinado ao êxodo e ao regresso, num movimento contínuo, que se replica em outras partes do mundo, marcado pela diáspora africana.

A combinação entre história e literatura enfatiza a natureza simbólica e subversiva das narrativas literárias. Contar as suas histórias através da representação literária, é contribuir para a história da identidade africana, das literaturas lusófonas e das literaturas mundo. A poética de Corsino espelha um polisistema intercontinental formado por literaturas e culturas historicamente ligadas, de natureza híbrida, com inter-relações hierárquicas (periféricas e centrais), espaços geográficos e simbólicos onde representações e práticas culturais têm lugar. Os seus versos espelham uma dialética entre as cartografias continental e insular, passando pela diáspora e pela transição da condição de subalternidade em tempo colonial, para a reconstrução da identidade cabo-verdiana no período pós-colonial.

Marcos de resistência colonial na cultura cabo-verdiana

Pensar a história da literatura cabo-verdiana é, como afirma Letícia Nunes Gomes (2010, p. 12), “pensar a importância de periódicos para a divulgação da palavra poética. O percurso literário de Cabo Verde foi construído através de revistas que fomentavam a difusão cultural e o conhecimento geral sobre literatura.” O início da afirmação da cultura cabo-verdiana remonta aos finais do século XIX, com a pioneira geração de 90, que gravitava em torno da *Revista de Cabo-Verde*, criada em 1899. Dirigida por Luís Loff de Vasconcelos esta publicação periódica contava com nomes sonantes da literatura como José Lopes, Eugénio Tavares, Viriato Gomes da Fonseca, Januário Leite ou a camponesa Gertrudes Ferreira, entre muitos outros.

A literatura cabo-verdiana está marcada pela singularidade do universo simbólico, capaz de modificar o meio social. Isso ocorreu sobretudo a partir dos anos 30 do século XX, quando chegaram obras da literatura brasileira aos poetas

Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes e Jorge Barbosa. A leitura dessas obras permitiu aos poetas começar a pensar a literatura cabo-verdiana à luz do Movimento Claridade, que surgiu em 1936, assumiu-se como 'a geração de Cabo Verde' e representou a ruptura com as temáticas literárias de Portugal. Os 'claridosos', inspirados no regionalismo da literatura brasileira, revelaram uma independência intelectual e cultural em relação ao império, escrevendo poesias que se fundavam na cultura crioula. Jane Tutikian, citada por Gomes (2010, p. 12), refere que a revista *Claridade*,

Procurava assumir a modernidade, sobretudo a realista, a busca das raízes antropológicas e culturais, manifestada no gosto pela etnografia e filologia do crioulo e, ainda, a valorização da criatividade popular. Apontava, dessa forma, a descoberta de um espaço marcado pela insularidade, pela fome, pela seca, pelo mar feito prisão e caminho de uma cultura essencialmente mítica.

As problemáticas sociais e económicas do arquipélago tornaram-se temáticas literárias e as influências brasileira e portuguesa, a par do caminho trilhado por uma discussão sobre a miscigenação cultural e étnica, que ocorria na terceira década do século XX, permitiram que os escritores cabo-verdianos produzissem uma revista que mostrava o regional, visando características do espaço e da história dos povos, levando à criação do pressuposto da identidade cabo-verdiana. Deste modo, o surgimento da revista *Claridade*, cinquenta anos antes da independência política de Cabo Verde, rompeu com

os arquétipos linguísticos e estéticos de influência europeia e possibilitando uma nova consciência sobre a linguagem, valorizando traços da regionalidade, da raiz cabo-verdiana e do crioulo. É com esse intuito que o lema da revista

clama por fincar os pés no chão, permitindo que a voz seja direcionada para os povos marginalizados e periféricos que construíram e fazem parte da identidade do arquipélago. (Gomes 2010, 14)

A geração da *Claridade* lançou, porém, os alicerces da nova poesia cabo-verdiana e, não obstante as críticas, pode dizer-se que influenciou e continua a inspirar grande parte da produção poética e ficcional de Cabo Verde.

Nos anos 40 do século XX, e sob a influência histórica da Segunda Guerra Mundial, surgiu a revista *Certeza* (1944) com atividade literária até 1957. Este periódico, muito diferente da *Claridade*, que tinha como objetivo uma literatura regionalista como reconhecimento da identidade, visava a literatura de libertação política. O conhecimento da identidade (*Claridade*), aliado à percepção do processo colonial (*Certeza*) permitem a autonomia cultural, substituindo o lugar do colonizado pelo sujeito livre em Cabo Verde. Tutikian (2007, p. 237, citado por Gomes 2010, p. 19), ao mencionar a revista *Certeza*, afirmava que esta recusava “o restrito e o tribal, colocando em seu lugar a luta pela inserção de Cabo Verde, como nacionalidade, dentro do contexto africano.”

Claridade e *Certeza* marcaram os momentos decisivos da formação literária de Cabo Verde. Deram, por um lado, horizonte estético e político ao arquipélago; por outro, permitiram olhar para as problemáticas sociais do país. As revistas que as sucederam teriam traços do regionalismo cabo-verdiano e da liberdade política no contexto africano. Tal é o caso do *Suplemento Cultural* fundado em 1958. Nesta nova revista, publicavam alguns dos poetas que tinham participado na *Claridade* e na *Certeza*. Todavia, o grupo do *Suplemento Cultural* visava a substituição do conceito de “regional” pelo de “nacional”. Surgia, assim, uma nova perspectiva em relação à situação colonial, já próxima da década de 60, momento em

que se iria prolongar e aprofundar (Ferreira 1987, citado por Gomes 2010, p. 19), muito diferente da temática regional que a *Claridade* sugeria e da posição marxista que a *Certeza* explorava. É nesse período que a consciência sobre a colonização começa a ser discutida e tematizada no plano literário cabo-verdiano.

Em 1962, surgia a revista *Seló* que prolongava o discurso reivindicativo e expressava a angústia e a problemática social da colonização. Segundo Manuel Ferreira (1987, p. 62), esta revista traduz “um projeto que ultrapassa a esfera das condições sociais para englobar os próprios mitos da linguagem esgotada, no intento de exprimir a ‘esperança’ e os ‘sonhos’ do ‘homem novo.’”

A década de 70 foi, para Cabo Verde, um período de intensa movimentação intelectual e política no processo de independência colonial. Emergiram, no panorama literário, temáticas cultivadas desde o Movimento da *Claridade*. Como lembra Ferreira (1987, p. 63), este foi um “tempo da ressurreição, e com ela que significa a liberdade, irrompe a necessidade e o prazer da inovação, da invenção, da mudança que pressupõe a criação de um novo espaço: uma nova língua, uma nova escrita – a voz do reencontro para os fundamentos de uma nova estética.” Destacavam-se, dessa época, poetas como Teobaldo Virgínio, Daniel Filipe, João Manuel Varela (com os pseudónimos João Vário, Timóteo Tio Tiofe) e, entre outros, Corsino Fortes, que iria ter um papel crucial na literatura de Cabo Verde, pela singularidade na utilização de temáticas cultivadas na sua produção poética, que revelavam o povo cabo-verdiano e o seu espaço. Todavia, Corsino Fortes destacar-se-ia, essencialmente, pelo trabalho com a palavra, verso a verso, fundindo o eu-lírico com elementos naturais e representativos da identidade cabo-verdiana, como atestam poemas como “Pão & Fonema” de 1974. Nessa geração poética, a que Corsino Fortes pertenceu, subjazem os fatores que distinguem a identidade do povo cabo-verdiano. De forma literal, várias obras ostentam o desejo da independência, através de uma reinterpretação

da história. Surgiu, no panorama literário, a abertura para temáticas novas bem como a manutenção de outras cultivadas em períodos anteriores. É o caso, como refere Almada (1998, p. 152), do “pessimismo, intimismo, metafisicamente interrogativo, surrealista ou neo-simbolista”, mas, igualmente, das marcas da mudança social e da desestruturação e desamparo do arquipélago como país independente, que ressentia as dificuldades económicas, sociais e ambientais desses tempos.

O aparecimento das literaturas de língua portuguesa em África resultou, por um lado, de um longo processo histórico, de quase cinco séculos de assimilação e, por outro, de um processo de consciencialização que surgiu nas décadas de 40 e 50 do século XIX, que floresceu com o grau de desenvolvimento cultural nas ex-colónias e com o aparecimento de um jornalismo ativo e polémico que se pautava por uma crítica severa ao colonialismo.

Em Cabo Verde, tal como na Guiné-Bissau, em Moçambique e em São Tomé e Príncipe, o escritor/poeta africano vivia, até à data das independências, no vórtice de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial, de raiz europeia e a sociedade africana. A escrita literária expressava, portanto, a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor/poeta africano era, como afirmam Maria Nazareth Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2017, p. 14),

um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. Ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais. Esse embate que se realizou no campo da linguagem literária foi o impulso gerador de projetos

literários característicos dos cinco países africanos que assumiram o português como língua oficial.

Todavia, deve destacar-se que, em Cabo Verde, o impacto do colonialismo não foi tão severo e dramático como foi nas outras regiões africanas que passaram pelo processo de colonização portuguesa, e esta circunstância propiciou as condições necessárias para o aparecimento da literatura cabo-verdiana.

Corsino Fortes – o artífice da “filigrana do verbo cabo-verdiano”

Natural do Mindelo, da ilha de S. Vicente, Corsino Fortes ficou órfão muito cedo, vendo-se obrigado a suspender os estudos aos doze anos para trabalhar na Companhia Ferro. Só aos vinte anos retornou ao liceu onde conheceu João Varela que terá marcado o início do seu percurso como escritor. Entre 1957 e 1960, Corsino teve a oportunidade de conviver com Abílio Duarte, um dos fundadores do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), que retornado da Guiné-Bissau com o propósito de despertar a consciência e mobilizar a juventude cabo-verdiana para a luta de libertação nacional, igualmente o iria influenciar de forma categórica. Nesse período, alguns de seus poemas são publicados no *Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes, no Cabo Verde: boletim de propaganda e informação* e no derradeiro número da revista *Claridade* 9.

Em 1961, o autor foi para Lisboa estudar Direito. A passagem pela ‘Casa dos Estudantes do Império’ contribuiu para o seu amadurecimento político. Concluiu os estudos, em 1966, e, desde essa altura, passou a exercer inúmeros cargos jurídicos, políticos e diplomáticos. Em Angola, foi delegado do Ministério Público e juiz de Direito (até 1975) e representante

do PAIGC, entre 1974 e 1975; diretor geral dos Assuntos Judiciários da República da Guiné-Bissau; emissário especial da República de Cabo Verde junto aos governos de Angola e de São Tomé e Príncipe e, de 1975 a 1981, embaixador da República de Cabo Verde em Portugal. Regressa a Cabo Verde, em 1981, onde se torna secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro. Em 1983, foi secretário de Estado da Comunicação Social e, entre 1986 e 1989, embaixador de Cabo Verde em Angola, São Tomé e Príncipe, Zâmbia, Moçambique e Zimbábue. De 1989 a 1991, desempenhou as funções de ministro da Justiça no governo de Cabo Verde e, em 1992, foi consultor diplomático do I programa PALOP. De referir, ainda, na extensa lista de atividades desenvolvidas (políticas, diplomáticas e literárias), a presidência da Fundação Amílcar Cabral e da Associação de Escritores Cabo-verdianos. A vida preenchida justifica as condecorações que recebeu, entre as quais a da Ordem do Vulcão pelo governo cabo-verdiano.

A sua produção literária inicia-se com *Pão & Fonema* (1974), e consolida-se com *Árvore & Tambor* (1986) e *Pedra de Sol & Substância* (2001), trilogia inserida no volume, de configuração antológica, *A Cabeça Calva de Deus* (2001). Cada volume testemunha diferentes e emblemáticos momentos da história de Cabo Verde, desde o processo de resgate que conduz à independência a 5 de Julho de 1975 e, por fim, o aprofundamento da identidade cabo-verdiana, nas suas crenças e tradições. Num todo, a sua obra vai ao encontro do verso de Neruda “A pátria é um caminho”, que o próprio autor escolhe como epígrafe de abertura ao seu primeiro livro. Como poeticamente escreve Fraga (2012), Corsino Fortes “é um poeta da terra que nasceu para amar e ser amado. O autor (...) construiu uma poética com uma carga imagética que aflora tanto à memória lírica, individual, quanto à memória épica, coletiva, no que tange ao sentimento do poeta sobre a nação”. Prevalece em Corsino uma vocação humanista, de poeta comprometido com os problemas do seu povo, e porta-

voz da afirmação e do imaginário nacional. Nesse sentido, uma das linhas de força da poética de Corsino Fortes é a aposta na mudança, que exige empenho por parte de todos e que tem por lema ficar para desenvolver. Por essa razão, os seus poemas estão imbuídos de uma vocalização homérica com o propósito de cantar o projeto de fundação histórica da ilha, do povo e da nação, apelando a um compromisso e a uma intervenção direta do cidadão para com a sua terra. É necessário voltar-se para a ilha para tornar fecundo o que é estéril, para construir um futuro sólido nos domínios económico, cultural e social.

Corsino revoluciona a escrita cabo-verdiana, representando uma “viragem na poética de Cabo Verde”. O poeta imprime à sua poesia inovação e transgressão, passando pela renúncia das estruturas poéticas tradicionais (rima, métrica, sonoridade). Esta nova linguagem, que rompe com os arquétipos europeus, apresenta, por vezes, obstáculos à sua compreensão, como apontam diferentes especialistas, residindo essa dificuldade nos “esquemas ideológicos” introduzidos pelo autor e que espelham a “individualidade da cultura cabo-verdiana” (Mesquitela Lima 1980, p. 92). Ele próprio escritor da diáspora, Corsino supera o complexo/ estigma ou dilema da subalternização da sua língua materna – o crioulo, resgatando-a da marginalização ou margem a que estava relegada, para a colocar no centro ou no cânone da literatura nacional. A língua converte-se num rico campo de experimentação, apostando na pureza do som, do fonema, enquanto “elemento irredutível de qualquer sistema fonético” (Mesquitela Lima 1980, p. 69), constituído por vogais e ditongos próprios da língua crioula. A esta característica associa-se a ausência de pontuação, aumentando o poder sugestivo do texto. O autor opta por uma disposição arrojada dos versos que se adequa ao protagonismo que é dado ao conteúdo/ mensagem. Se por um lado, a disposição do texto em cantos nos dá a sensação de ordem e harmonia, a disposição dos versos remete-nos para uma certa desagregação.

O contacto com o Modernismo e o Surrealismo e, em concreto, com o Concretismo brasileiro (Silva 2012, p. 171) e a revista portuguesa *Presença* foram determinantes na “libertação” da linguagem no que respeita à tomada de consciência da raiz cultural cabo-verdiana, dando protagonismo à língua crioula, repleta de potencialidades sonoras e estéticas.

Análise de “Tempo de ser ovo/ ovo de ser tempo”³

Um dos mais emblemáticos poematos do autor, “Tempo de ser ovo/ ovo de ser tempo”, foi publicado em duas versões diferentes. A primeira, editada na revista *Raízes*, em 1980, fazendo jus à tradição cabo-verdiana de publicação de revistas literárias como veículo de disseminação de novos temas e autores, apresenta-se dividida em três partes enquanto que na segunda edição, inserida em *Árvore & Tambor* (1986), o autor opta por uma ordenação em cinco partes. Esta alteração produz mudanças substanciais, quer a nível formal quer de conteúdo. A divisão tripartida da primeira edição permite destacar a torrencialidade da escrita do autor, intensificando o ritmo, ao passo que na segunda edição a inclusão de cinco partes resulta numa disposição mais coerente e pausada.

O título do poema apresenta-se em forma de quiasmo, e remete para uma estrutura circular e fechada, sintetizando toda a temática desenvolvida. Saído da experiência colonial, marcada pelo drama da transculturação e do desenraizamento, do desalento e do tormento da fome, dos quais ainda não se

3. Dada a sua complexidade, optamos por uma interpretação verso a verso, próximo do método “*explication de texte*”, focando-nos no estudo semântico e sintático do texto, procurando deste modo, oferecer uma análise com a maior profundidade possível.

libertou, o poeta lança o apelo ao regresso à terra, à ação de plantar, construir e renovar a palavra, o corpo, a alma e a nação. No esforço coletivo reside a superação do fatalismo climático e geográfico, fatalismo que representa uma opressão *per se*, na medida em que priva o povo cabo-verdiano dos recursos básicos de sobrevivência e o obriga a emigrar.

O tema da emigração, já tratado em *Pão & Fonema*, faz parte do processo de crescimento do povo cabo-verdiano. Processo ontológico de auto-conhecimento que passa por “sair, organizar-se, «alfabetizar-se» politicamente (Mesquitela Lima 1980, p. 77), “beber cultura estranha” (1980, p. 76) para regressar às origens mais consciente e pronto para reescrever o seu destino. No incitamento ao regresso, reside a reconciliação com o passado traumático, o desagrilhoar-se dos códigos culturais e políticos europeus e o resgate da sua identidade.

Nesse apelo à ação, o sujeito de enunciação é o próprio poeta que endereça o seu discurso a um “tu”, co-cidadão, espelho da sua própria realidade, conferindo ao discurso uma vertente auto-biográfica, dos tempos em que exercia advocacia em Portugal: “Deixa a tua toga/ sobre a Comarca de Mafra/ E vêm!”. O imperativo “vem” que se reflete anaforicamente ao longo de todo o poema, confere um tom de litania, um chamamento persistente. Já no verso “De lâmpada acesa pelo peito de Cabâ Fume”, o autor alude à razão, à inteligência e à sabedoria que trazem a resposta aos problemas da terra, seguindo os passos intervencionistas da personagem lendária que foi Cabâ Fume. Em “Pelo tambor que sacode/ o arquipélago Entre a multidão” – o poeta remete-nos para a musicalidade africana do tambor, que entoa em todo o espaço do arquipélago, personificando-o, na medida em que o instrumento musical ganha vida, fomentando a fusão entre o povo e o espaço a que pertence. A musicalidade apela ao chamamento e ajuda a criar raízes à terra. Sentimento telúrico que é transversal a toda a obra de Corsino Fortes.

Em “E une/ o porto da ilha/ E as coxas da minha mãe/ às festas de São João” – o autor sintetiza três realidades que compõem a idiossincrasia do povo cabo-verdiano: o porto, o corpo e as festas populares. O porto, como lugar de partida e chegada de pessoas e de intercâmbio de bens; as coxas ágeis e musculadas pelo trabalho, associadas aqui à figura materna; as festas traduzem os momentos de confraternização e, assim, confluem trânsitos, trabalho e sensualidade como traços que identificam a realidade deste povo. Destes versos emergem, mesmo, reminiscências interseccionistas, na linha de Fernando Pessoa, bem como no verso que surge mais adiante “palavras que choviam por dentro”.

“Vem! E abre/ o mundo do teu olho/ sobre a chama marítima// Que ‘Andros Pátria’/ ergueu/ sobre as nossas águas”, isto é, o poeta incita ao retorno do seu povo guiado pelo farol ou luzeiro que abre caminho. Por seu turno, o mar que isola o arquipélago do resto do mundo é também o único meio pelo qual o povo se evade e regressa, remetendo para a eterna dialética do terralongismo geográfico que a Geração da Claridade converteu em estética. Verificam-se referências à cultura helénica em “Que ‘Andros Pátria’/ ergueu”, versos que espelham a miscigenação cultural que caracteriza o discurso do autor. O poeta alude à ilha grega de Andros como sinédoque do arquipélago cabo-verdiano e, simultaneamente, em tom de profecia, imprime-lhe uma origem mítica.

Em “Pelo sangue da viola/ Que vestiu de guerra/ E pela vagem da terra/Que a paz sazou” o poeta associa conceitos metafóricos aparentemente inusitados. Apresentam-se duas imagens antitéticas que traduzem, por um lado, a guerra, pronúncia de morte que é cantada ao som da viola, instrumento afeiçoado à lírica; e por outro lado, a pujança de uma terra que amadurece o fruto em tempo de paz. Nos versos “O Capitão te aguarda/ De Bandeira a bombordo”, Corsino remete-nos para a necessidade de um líder. Esse guia é Capitão Ambrósio “Nho

Ambroze”,⁴ que tal como Cabâ-Fume, se tornou numa figura lendária, símbolo do heroísmo e agente da mudança: “E a fome de Ambrósio É pão sobre o forno”, antítese que recorda o sacrifício de um homem na luta pelos seus direitos, abrindo um precedente no direito a manifestar-se, e que servirá de referência para as futuras gerações.

Já em “Vem! E darás/ Ao carvão do meu peito/ o fogo da tua ilha” nota-se a ambivalência de sentido na palavra carvão. Se por um lado, o carvão poderá metaforicamente remeter para a negrura do seu coração, oprimido e triste, por outro lado, assumindo uma posição intervencionista, o carvão permite a ignição do sentimento, da energia e da esperança, que proporciona calor humano e visa construir um futuro melhor. Juntos, carvão e fogo, operam a combustão da mudança.

Em “Vem! Pelo arco da tua cratera/ Que roda/ cicatrizes de rua a rua/ Que/ Na noite da tua promessa/ Há palavras sem dentes/ Com telhas ao vento”, o autor, através das imagens e metáforas, afirma a necessidade de uma ligação à terra, com as suas virtudes e debilidades. Apela à honra da palavra verdadeira: “palavras que choviam por dentro/ E inundam de estrelas/ o chão das barracas” – palavras que trazem esperança face à fome e à pobreza persistentes.

O tema da educação, fator determinante na emancipação do povo e que favoreceu a criação de uma elite cultural (Madeira 2015, pp. 127-137), está presente nos versos “As crianças Que projectam/ bibliotecas (sendo este “Que” maúsculo, conjunção copulativa que dá ênfase à criança, futuro de um povo, que não deve ser esquecida).

4. Nho Ambroze (Ambrósio Lopes, Santo Antão, 1878 – São Vicente, 11.Junho.1938), carpinteiro que lidera a revolta dos trabalhadores no Mindelo, em 1934. Cf. Brito-Semedo (2010). “Revolta de Nho Ambroze”, Magazine Cultural a divulgar Cabo-Verde desde 2010. 7 Junho. Disponível em: <https://brito-semedo.blogs.sapo.pt/14219.html>. Acesso em: 20/03/2022.

A tradição cultural de contar estórias associada às narrativas premonitórias de um herói, que nos remete para o sebastianismo, está presente nos versos “Falavam de ti/ não como lava fria/ Mas/ Entre a sombra E o sol que sangra”. Note-se o efeito da antítese: “lava fria” que nos remete para algo estéril e para a ausência total de ânimo que é, por sua vez, antitético à imagem metafórica “transfusões de sangue”. Em “Vem! Pelo relâmpago/ Que funde a árvore/ nas nossas entranhas”, o poeta alude à revitalização da terra, fruto do investimento e à fusão entre o ser humano e a terra a que pertence. Desta forma o autor retribuirá a todo aquele que se empenhou em desenvolver a sua ilha, o estatuto de cidadania, obtendo ele mesmo a satisfação dos seus feitos: “E darei ao teu rosto/ os olhos da minha pátria”.

Em “Vem! Pelo porto/ nocturno da tua dor/ Que desde ontem/ Caranguejos de craca/ devoram/ A pedra neurótica daquela infância” o poeta sintetiza o sofrimento que o povo carrega quer devido à mágoa da opressão colonial ou ao distanciamento da pátria que o consome. Nos versos “Vém! Pelo umbigo/ Do batuque da Várzea/ Vem! Pelo sol da manhã/ Que rola/ Como um feto/ pelo ventre da revolução” está patente a emancipação do povo e, assim como o sol traz renovação ao dia, também a revolução trará renovação ao futuro cabo-verdiano. “Vem... não de visita/ pelo olho vesgo da Agência” o poeta avisa que não seja turista na sua própria terra, guiado por quem não conhece verdadeiramente Cabo-Verde. O autor emprega imagens e ritmos de modo a comprometer o leitor, investindo na ligação do homem com o mar e a terra: “E nem quebres o remo da ilha/ Entre/ a rosa do vento E a roda do mundo”. A narrativa da nação cabo-verdiana é complexa e sofrida, feita de solidão: “É órfão/ o folk complexo de tal epístola”.

O autor lembra as dificuldades reais do seu arquipélago: as doenças que ameaçam o povo e que requerem os cuidados dos homens e mulheres empenhados: “Que da síndrome de Varela/ Ao leão daquela farmácia/ Há trauma/ no crânio de Notcha/

E dentes cariados nas rochas da ilha. “Notcha”, arquétipo do crioulo que abrange o passado, o presente e o futuro de um povo e que foi também cultivado por outros escritores como Timóteo Tio Tiofe, pseudônimo de João Varela, em *O primeiro livro de Notcha* (1975).

O sol e a gema, enquanto fontes de vida opõem-se à morte. A simbologia da falta de pão será assegurada pela “mão”, símbolo de trabalho e de construção, tendo em conta que todo o nascimento implica dor: “Vem! simples & redondo/ pelo sol pela gema/ E pela dor do ovo/ Que o povo fecundou/ As colinas aguardam pela mão/ o gomo da sua herança”. A mulher, tal como a ilha, fecunda um novo ser: “E pelo ventre de Bia/ A cimboa/ dará/ terra/ terra nua/ terra virgem/ À árvore da tua parábola”. Em tom de premonição a “Cimboa”, instrumento musical, é personificado, na medida em que acompanha com a sua sonoridade a vitalidade da terra e a árvore, como sinal de vida, de ancestralidade e resiliência, encerra por si só a parábola, a verdade ou preceito moral do povo.

“Oh filhos da ilha/ Que vão/ por Roma & Roménia/
Oh filhos da terra/ Que vão/ De pé nu sobre a península/
No poço do espírito/ há colónia de tantos séculos/
E tal livro é rosto/ no poço da colónia/
E tal Europa é noite na colónia dos sonhos”.
Através da interjeição “oh”, o poeta lembra a todos os cabo-verdianos que são filhos da ilha, e que no seu êxodo pelo mundo, vão à procura de quimeras “por Roma & Roménia”. À mercê da pobreza “De pé nu sobre a península”, no âmago da sua alma “no poço do espírito”, carregam o espectro do colonialismo. A dialética colonial, que se estabelece no trânsito de povos, na aculturação e miscigenação entre a Europa e a colónia, é aqui mapeada pelo autor. Os filhos pobres da terra emigram, no entanto, no abismo do espírito – “permanece a lembrança da colónia: “Há colónia de tantos séculos”. O autor volta a aludir à educação necessária: “E tal livro é rosto// no poço da colónia”; e a uma Europa escura e triste contrasta com a colónia tão sonhada: “E tal Europa é noite/ na colónia dos

sonhos”. “E do ilhéu que foi ao ‘eu’/ do eu-ropeu que ficou”. “E do tambor que fora ao ‘or?’/ ao New York que restou”. Estas coordenadas geográficas remetem para o universalismo, transnacional e transatlântico, que caracteriza a cultura cabo-verdiana, composta por dinâmicas antagônicas, entre o “eu” e o “outro”, de espaços, gentes e lugares, que caracterizam a aventura diaspórica. Se, por um lado, o emigrante está sujeito ao fenómeno da aculturação, absorvendo culturas estanhas, por outro lado, deixa marca nos países por onde passa, fruto das comunidades que aí constrói, sem nunca, todavia, esquecer a terra natal: “Oh Diáspora de vela grande/ Bém! Na hora de boas ‘hora/ Quando a ilha sonha”. O autor alude à esperança utópica de uma terra pujante em sintonia com os homens que a farão produzir: “Oh poços da terra/ que se rasgam/ nas artérias dos homens”. E, quando menos se esperar, a chuva virá e o mar, outrora calmo, será agora “Calema”, altas ondas da costa africana: “E a chuva invade o sono das crianças”. O animismo, conjugação de elementos da natureza que se animam em sintonia com a terra fervilhante de vida, está presente nos versos: “E o mar pelo olho que dormia/ Ergue/ O oceano do rosto sobre as ondas/ E vem/ Pela calema: calema alta/ Beijam a face virgem das palmeiras”. A introdução do “&” comercial, como forma de destaque, e a recorrência a substantivos e verbos, sinónimos ou antónimos: “E mar & deserto”, “Dança & bailam”. Sem a pedra não haveria lume, sem o sol não haveria germinação dos seres, por isso o autor enquadra elementos intrínsecos à realidade cabo-verdiana, expondo-os no eixo sintagmático: “A pedra de tal Lume E o sol de tal gema” – destacando-se a colocação do “E” maiúsculo, que funciona como elemento de distinção. Em “Vem pelo arco-iris/ Antes da chuva”, é lançado um conselho ou uma vaticinação, uma promessa, de como e quando regressar à ilha, apelando ao fantástico.

A palavra de ordem do poema: ação, apela à urgência interventiva que está ainda em pensamento, havendo a esperança de ser concretizada: “Quando a enxada é sonho/ na

glória dos homens/ E a semente é pó/ na glória dos homens/ E a semente é pó/ na memória da ilha”. É de notar o paralelismo entre “Oh frescura// Oh frescor...” e entre o conjuntivo “Que levedam// Que tecem”. O poeta refere mais uma vez as “mãos”, metáfora do trabalho a realizar em conjunto: “De ser mãos Entre mãos”. Outra metáfora omnipresente na poética de Corsino é o pão, sinónimo de sustento, paz e liberdade, mas é também a palavra que alimenta o espírito. A metaforização que traduz a gestação de uma nova vida é uma constante na poesia de Corsino Fortes: “Que tecem no ventre da ilha/ o útero de tal rosto”. A verdadeira africanização do povo de Cabo Verde, próximo de uma super/ supra-etnicidade, reunindo-se a outros povos africanos libertados, é uma preocupação e uma necessidade, a que o poeta dá voz, intercalando reiterações e topónimos africanos, por onde passou e que bem conhece: “Vem!/ Pelo músculo de Azânia”/ E o tambor da Namíbia/ Vem! Pela lâmina/ que vibra a alma de Zimbabué/ É pólvora do povo de Luanda liberta/ Vem!”. A cada topónimo é correspondido um elemento caracterizador de África. O peso da tecnologia, proveniente da Europa, está presente: “Pelo inverno de mão cáustica/ E veia técnica D’ Europa”. O autor perspectiva-nos um olhar pela África, sendo acérrimo defensor da garantia das necessidades básicas do africano, como por exemplo, a liberdade: “...de Luanda liberta”, apresentando de forma cosmificadora o misticismo africano do tambor da Namíbia, do músculo de Azânia (nome ancestral dado à africana sub-saariana, e assim apelidada pelos nacionalistas negros, invocando uma África pré-colonial), os rios do Sudão e o ritmo de Karthoum, no Egipto. Por toda a África emerge a promessa da libertação: “Pela estrela que cresce sob o rosto de Eritreia/ E pela roda que sangra o olho de Rovuma/ Pelo corno d’África/ E pelo crânio da ilha”.

A força genesíaca da terra está mais uma vez presente: “Que raízes da terra/ Brotam/ do suor da revolta” – aqui está patente a “cumplicidade” da natureza com o homem, no seu sentimento de revolta e de combate. O autor apela à

“sedentarização” do seu povo, “fincando pés no chão” – lema do primeiro movimento cabo-verdiano Os Claridosos. “E ergue a tua árvore/ Aqui! “ O deítico tem função imediatista. E assim o respeito e a honra serão preservados para quem ficar: “A porta da cabana/ onde/ A lança do teu pai é soberana”.

Conclusão

“Tempo de ser ovo, ovo de ser tempo”, poema escrito após a independência, é um clamor ao ressurgimento, uma narrativa de resgate e superação. Superação das forças opressivas que obrigam à diáspora, sejam elas o estigma do colonialismo, seja a natureza inclemente que fustiga e obriga à evasão. Esta realidade existencial molda a cultura cabo-verdiana, marcada pela identidade insular, entre o telurismo e o terralongismo, temas que constituem o cerne da representação literária cabo-verdiana. Todo o poema remete para o imaginário e representação da cultura, língua, paisagem humana e física constitutivas da nação cabo-verdiana. O imaginário que Corsino nos apresenta tanto é distópico como utópico. Se por um lado se apresenta o lado inóspito do arquipélago, e as dificuldades sentidas pelo povo em sobreviver nesse espaço, por outro, o convite a (re)ingressar nesse espaço é argumento para forjar um ideal coletivo, na medida em que se opera uma efabulação simbólica da história deste povo (Wendt 2010). Ao apelar ao regresso à pátria, o poeta constrói a gesta do povo cabo-verdiano.

Da opressão à libertação do povo cabo-verdiano, o poeta não esquece o passado colonial, o sofrimento da guerra da libertação, que atingiu os povos irmãos, a “fome” e as cicatrizes” estampadas nas ruas e nos rostos, mas este é um poemeto futurante, de esperança e de resgate da identidade cultural e da construção do presente e do futuro da nação cabo-verdiana.

Afirmar a língua crioula, estrutura simbólica que constitui a base ideológica congregadora do povo sob o mesmo ideal coletivo, e afirmar a territorialidade (a)efetiva confluindo memória, ação e espírito, constituem marcas distintivas da criação poética de Corsino Fortes. Na esteira de Franz Fanon ou de Stuart Hall, o poeta do Mindelo assume a identidade cultural como uma prática de produção que supera a experiência colonial e abre as portas a um futuro promissor de vida e de prosperidade.

Referências

- ALMADA, J. H. C. (1998). “A poética cabo-verdiana pós-Claridade: alguns traços essenciais da sua arquitectura”, in: VEIGA, Manuel (org.) *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Karthala.
- BUSBY, M. e COHEN, R. (2001). “Diasporic /exilic; migrant) Writings”, in: HAWLEY, J. C. *Encyclopedia of Postcolonial Studies*. Westport, London: Greenwood Press, pp. 144-150.
- FRAGA, R. (2012). “Corsino Fortes: um poeta da terra que nasceu para amar e ser amado.” *Entretextos*, 06/06/2012. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/corsino-fortes-um-poeta-da-terra-que-nasceu-para-amar-e-ser-amado>. Acesso em: 31/3/2022.
- FERREIRA, M. (1987). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática.
- FONSECA, M. N. S. e MOREIRA, T. T. (2017). “Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.” *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios*, (16), pp. 13-72. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index>.

php/cadernoscespuc/article/view/14767. Acesso em: 06/04/2022.

- FORTES, C. (1980a). “Tempo de ser ovo/ ovo de ser tempo.” *Raízes*, ano 4, nº7/16, julho-78/ Dezembro. Cabo Verde: Ed. Raízes, pp. 105-111.
- FORTES, C. (1980b). *Pão & Fonema*. Lisboa: Sá da Costa.
- FORTES, C. (1986). *Árvore & Tambor*. Lisboa: Instituto Cabo-Verdiano do Livro; Publicações Dom Quixote.
- FORTES, C. (2010). *A cabeça calva de Deus*. Org. e entrevista Floriano Martins. Posfácio de Ana Mafalda Leite. São Paulo: Escrituras.
- GOMES, L. N. (2010). *Memória e Loucura: o Movimento da Insularidade em a Louca de Serrano, de Dina Salústio*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande.
- HALL, Stuart (1990). “Cultural Identity and Diaspora”, in: RUTHERFORD, Jonathan (ed.) *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence & Wishart, pp. 222-237.
- MADEIRA, J. P. C. B (2015). *Nação e identidade: a singularidade de Cabo-Verde*. Lisboa: ISCSP, Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/12823/1/Na%C3%A7%C3%A3o%20e%20Identidade%20-%20A%20Singularidade%20de%20Cabo%20Verde.pdf>. Acesso em: 21/07/2022.
- MESQUITELA LIMA, A. G. (1980). “Pão & Fonema ou Odisseia de um povo” (estudo analítico), in: FORTES, Corsino. *Pão & Fonema*. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa.
- MÜLLER, K. P. (2001). “Cultural Studies”, in: HAWLEY, J. C. *Encyclopedia of Postcolonial Studies*. Westport, London: Greenwood Press pp. 123-130.

- SILVA, A. S. (2012). "A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: construção poética e identidade." *Diadorim*, vol. 11, Rio de Janeiro, pp. 169-181, julho. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3962/15626>. Acesso em: 19/07/2022.
- WENDT, A. (2010). *Social Theory of International Politics*. 14^a ed. Cambridge: Cambridge University.